

Dermovilite exsudativa vegetante crônica em equino: relato de caso

Alinoel Humberto Oliveira Barreto Neto^{1*}, Daniel Batista da Silva¹, João Lucas Santos Silva¹,
Kaio Santana da Silva¹, Luis Rennan Sampaio Oliveira²

¹Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) – Programa Forma Pará, Parauapebas, PA, Brasil.

²Doutor em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e Professor da UFRA – Parauapebas, Brasil

*Autor para correspondência, e-mail: alinoelhb@gmail.com.

Resumo. A dermovilite exsudativa vegetante crônica (DEVC) é uma afecção inflamatória de caráter crônico que acomete o sulco central e as laterais da ranilha dos cascos de equinos. Este trabalho apresenta um relato de caso de um equino, fêmea, com seis anos de idade, pesando 350 kg, meio-sangue Quarto de Milha, acometido por DEVC em uma propriedade rural localizada na cidade de Parauapebas, Pará. O paciente apresentou claudicação, emagrecimento, presença de tecido esponjoso nas ranilhas e odor pútrido nos cascos. Para a redução do tamanho da lesão, foram solicitados os serviços de um profissional de casqueamento, que realizou a remoção do tecido lesionado das ranilhas. Para a antissepsia e o controle da umidade dos cascos, foi utilizado um medicamento à base de triclorfon, iodoformio e rodamina, além de um ectoparasita à base de alcatrão vegetal e triclorfon, aplicado com atadura crepom e atadura gessada, associado à limpeza dos cascos a cada três dias. Simultaneamente, foi administrado um antimicrobiano aminoglicosídeo de amplo espectro com atividade frente a bactérias Gram-negativas, incluindo *Escherichia coli*, e um anti-inflamatório esteroide à base de acetonido de triancinolona, ambos por um período de cinco dias. O paciente respondeu satisfatoriamente ao tratamento, em grande parte devido à rapidez na identificação da patologia e na definição do procedimento terapêutico pela equipe de campo.

Palavras-chave: DEVC, equinos, medicamentos, tratamento.

Chronic exudative vegetative dermovillitis in equine: case report

Abstract. Chronic exudative vegetative dermovillitis (CEVD) is a chronic inflammatory condition that affects the central sulcus and lateral aspects of the frog in equine hooves. This study reports the case of a six-year-old female horse, weighing 350 kg, a crossbred Quarter Horse, affected by CEVD on a rural property located in the municipality of Parauapebas, Pará, Brazil. The animal presented lameness, weight loss, presence of spongy tissue in the frog, and a putrid odor in the hooves. To reduce the lesions, hoof trimming was performed by a qualified farrier, with removal of the affected tissue from the frog. For antiseptic and moisture control, a product containing trichlorfon, iodoform, and rhodamine was applied, along with an ectoparasiticide based on vegetable tar and trichlorfon, using crepe bandage and plaster bandage, in addition to hoof cleaning every three days. Simultaneously, a broad-spectrum aminoglycoside antimicrobial, active against Gram-negative bacteria, including *Escherichia coli*, and a steroidal anti-inflammatory drug based on triamcinolone acetone were administered for five days. The animal showed a satisfactory response to treatment, largely attributed to the prompt diagnosis and appropriate therapeutic management by the field team.

Keywords: DEVC, equine, drugs, treatment.

Introdução

A Dermovilite Exsudativa Vegetante Crônica (DEVVC), também conhecida como infecção de ranilha, é uma reação inflamatória crônica que acomete os cascos dos equinos, mais especificamente a região do sulco central e as laterais da ranilha, podendo se difundir para a parede do casco, bulbos e sola, caso não seja tratada ([Alves Júnior, 2021](#); [Assis et al., 2015](#)). As áreas afetadas apresentam material necrótico decorrente da degeneração, além de hiperplasia da camada córnea e dos tecidos produtores de queratina ([Dália Neto, 2014](#)). Por muito tempo, a doença foi associada apenas aos membros pélvicos de cavalos de tração, mantidos em condições precárias de higiene. Entretanto, atualmente, sabe-se que a enfermidade pode acometer também os membros torácicos e animais de qualquer raça e idade ([Alves Júnior, 2021](#); [Lacerda Neto et al., 2001](#)).

Ainda não foram identificados agentes etiológicos específicos responsáveis pela inflamação ([Carvalho et al., 2021](#); [Dália Neto, 2014](#); [Lacerda Neto et al., 2001](#)). Contudo, algumas hipóteses recentes envolvem espiroquetas, fungos e bactérias anaeróbias como possíveis agentes causadores. As condições ambientais em que o animal se encontra, como estábulos fechados com higiene inadequada e permanência prolongada em pastagens úmidas, são consideradas fatores determinantes para a ocorrência da doença. Segundo [Braga et al. \(2021\)](#), [Carvalho et al. \(2021\)](#) e [Dália Neto \(2014\)](#), a ausência de casqueamento adequado, bem como a falta de limpeza das ranilhas e de seus sulcos, também favorece a proliferação de agentes infecciosos, que podem evoluir para DEVVC.

Os sinais clínicos mais frequentes que auxiliam no diagnóstico da DEVVC incluem claudicação, necrose com secreção fétida, hiperplasia do sulco central da ranilha, deterioração das estruturas da ranilha e, em estágios avançados, comprometimento de outras estruturas do casco, como a sola e a parede ([Assis et al., 2015](#); [Dália Neto, 2014](#); [Lacerda Neto et al., 2001](#)). Dessa forma, o diagnóstico baseia-se na inspeção clínica, considerando a aparência, o odor pútrido, a presença de secreções escuras nos sulcos laterais da ranilha e o sangramento à manipulação ([Braga et al., 2021](#); [Dália Neto, 2014](#)).

As regiões dos sulcos laterais da ranilha são propícias à proliferação de agentes infecciosos, que promovem a deterioração da estrutura local. Caso não haja tratamento, a inflamação pode avançar para a sola e para estruturas subjacentes ao tecido dérmico, além de levar, posteriormente, à formação de tecido epitelial papilomatoso, edematoso, de coloração escura e com secreções fétidas ([Braga et al., 2021](#); [Carvalho et al., 2021](#); [Dália Neto, 2014](#)). Assim, o diagnóstico correto e precoce favorece a rápida instituição do tratamento e evita a progressão dos sinais clínicos ([Braga et al., 2021](#); [Dália Neto, 2014](#); [Lacerda Neto et al., 2001](#)).

O tratamento da DEVVC envolve o uso de antibióticos tópicos e/ou sistêmicos, lavagem frequente dos cascos com água e sabão, remoção do tecido necrótico da ranilha com rineta e utilização de ataduras simples ou gessadas para fixação de antissépticos e impermeabilização dos cascos ([Braga et al., 2021](#)).

Este artigo teve como objetivo apresentar um relato de caso de dermovilite exsudativa vegetante crônica em uma égua, localizada em uma propriedade rural no município de Parauapebas, Pará.

Relato de caso

Paciente equino, fêmea, meio-sangue Quarto de Milha, pesando 350 kg, com idade aproximada de seis a sete anos, passou a apresentar sinais de claudicação, emagrecimento e crescimento irregular dos cascos. As lesões estavam presentes nos dois membros pélvicos e no membro torácico direito, com presença de tecido esponjoso nas ranilhas.

O proprietário relatou já ter realizado intervenção terapêutica prévia, com melhora inicial do quadro. No entanto, devido à ausência de um estábulo adequado, bem como à falta de cuidados e medicações específicas durante o tratamento, houve recidiva e agravamento do quadro clínico. Após anamnese e exame clínico, foi diagnosticada Dermovilite Exsudativa Vegetante Crônica (DEVVC).

No início do tratamento, contou-se com o acompanhamento de um profissional de casqueamento, a fim de reduzir as lesões e realizar a limpeza dos quatro cascos. Os cascos acometidos apresentavam tecido esponjoso, conformação achatada (“casco achinelado”) e crescimento irregular da ranilha.

Na avaliação inicial, observavam-se lesões compatíveis com dermovilite exsudativa vegetante crônica, conforme ilustrado na [figura 1](#), que apresenta o aspecto macroscópico dos cascos antes do casqueamento terapêutico. Em seguida, foi realizada a coleta de material ([Figura 2](#)), encaminhado ao laboratório para identificação do agente etiológico e determinação dos princípios ativos eficazes. Na sequência, os sinais descritos foram atenuados com o uso da rineta, empregada na remoção de tecido comprometido e detritos decorrentes do crescimento irregular do casco. A torquês foi utilizada para o corte adequado e, por fim, a grossa para nivelamento e acabamento da superfície.



Figura 1. Aspecto macroscópico das lesões de dermovilite exsudativa vegetante crônica nos cascos antes do casqueamento terapêutico.

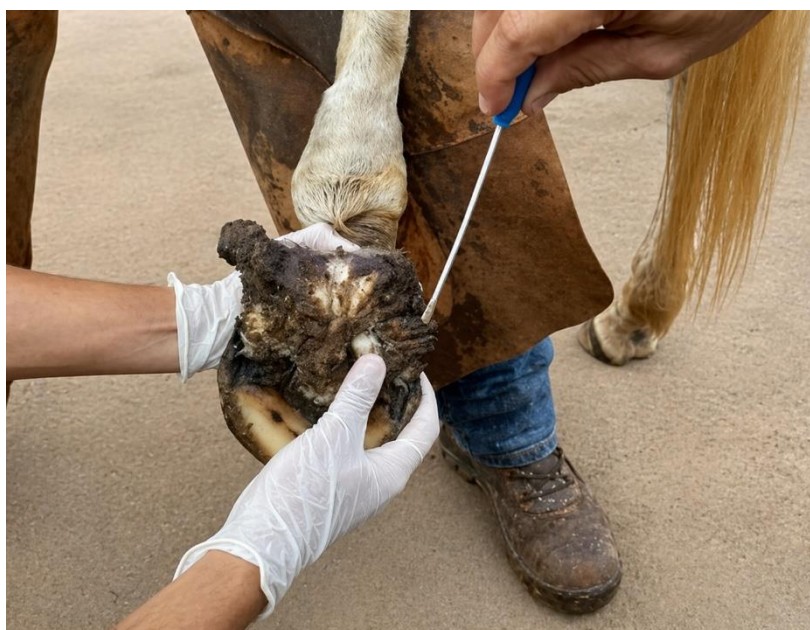


Figura 2. Coleta de amostra com swab da lesão.

Após o casqueamento, as medidas terapêuticas adotadas consistiram na limpeza dos cascos a cada três dias, utilizando detergente, associada ao uso de medicamento antisséptico à base de triclorfon, iodofórmio e rodamina, mantido até o final do tratamento. Antes da aplicação das soluções, recomendou-se ao proprietário que a baía fosse mantida sempre limpa, evitando o acúmulo de fezes e sujidades, bem como que a égua permanecesse em baía separada, a fim de prevenir a contaminação de outros animais.

Após a limpeza com detergente, realizou-se a aplicação do medicamento à base de triclorfon, iodofórmio e rodamina nos cascos, atuando como antisséptico, inseticida e auxiliando na cicatrização ([Laboratório Pinus, 2024](#)). A [figura 3A](#) ilustra a aplicação da substância no membro pélvico direito, representando o procedimento realizado nos demais cascos.

Em seguida, utilizou-se atadura de crepom no casco acometidos, com o objetivo de auxiliar na fixação do medicamento em pó. A [figura 3B](#) demonstra a colocação da atadura de crepom no membro pélvico esquerdo.



Figura 3. (A) Aplicação tópica de antisséptico à base de triclorfon, iodofórmio e rodamina; (B) Bandagem com atadura de crepom para fixação do curativo nos cascos..

Posteriormente, foi aplicado um ectoparasiticida à base de alcitrão vegetal e triclorfon, cujo poder de aderência forma uma camada protetora sobre o local, atuando como barreira contra agentes infecciosos e impedindo a perda do medicamento por contato com água, barro e outros elementos ([Laboratório Pinus, 2024](#)). A [figura 4A](#) exemplifica a aplicação do produto no membro pélvico esquerdo. Por fim, utilizou-se atadura gessada nos cascos acometidos, visando maior durabilidade e fixação do curativo. A [figura 4B](#) apresenta o arranjo da atadura gessada no membro pélvico esquerdo.



Figura 4. (A) Aplicação tópica de ectoparasiticida à base de alcitrão vegetal e triclorfon; (B) Bandagem com atadura gessada para proteção e fixação do curativo nos cascos.

A [figura 5](#) apresenta o comparativo do membro torácico direito antes e após o tratamento, evidenciando melhora significativa no aspecto do casco. A [figura 6](#) demonstra a evolução do membro pélvico direito, evidenciando redução do tecido proliferativo típico da DEVC. Por fim, a [figura 7](#) ilustra o membro pélvico esquerdo, inicialmente o mais acometido, com sinais de hiperplasia, odor fétido e sensibilidade, apresentando melhora expressiva após o tratamento.

Além do tratamento tópico, foi administrado antimicrobiano à base de amicacina, de rápida absorção por via intramuscular, indicado para o tratamento de infecções bacterianas em equinos causadas por agentes sensíveis. O fármaco foi utilizado por cinco dias, na dose de 20 mL/dia. Concomitantemente, foi empregado anti-inflamatório esteroide à base de acetato de triancinolona, com ação direta na redução da inflamação dos cascos afetados. A administração ocorreu do 1º ao 5º dia, na dose de 10 mL/dia.



Figura 5. Comparativo do membro torácico direito antes e após o tratamento.



Figura 6. Comparativo do membro pélvico direito antes e após o tratamento.



Figura 7. Comparativo do membro pélvico esquerdo antes e após o tratamento.

Resultados e discussão

Para a definição da conduta terapêutica, inicialmente foi realizada anamnese, por meio de avaliação clínica do animal e diálogo com o tratador e o proprietário, permitindo a obtenção de informações relevantes quanto ao início das lesões e ao manejo diário da égua. Além disso, procedeu-se à avaliação física dos dígitos acometidos, evidenciando hiperplasia acentuada da lesão, odor fétido e elevado grau de claudicação, comprometendo a locomoção. Alguns cascos apresentavam rachaduras na muralha e sinais de “achinelamento”, caracterizados pela perda da angulação normal.

A inspeção do estábulo revelou grande acúmulo de matéria orgânica, fator que favorece a contaminação. Durante a anamnese, identificou-se que o animal havia apresentado recentemente uma lesão na rasilha do membro torácico direito, causada por uma pedra, o que pode ter facilitado a entrada de patógenos e o desenvolvimento da enfermidade.

O fator ambiental é reconhecido como um dos principais determinantes na propagação da DEVC, pois favorece a proliferação de microrganismos, como fungos e bactérias, aumentando a susceptibilidade dos animais, especialmente aqueles mantidos em regime de estabulação. Dessa forma, a higiene do ambiente é fundamental na prevenção da doença ([Greco et al., 2007](#); [Lacerda Neto et al., 2001](#)).

O tratamento foi iniciado com a higienização dos cascos e remoção do tecido lesionado com rineta, facilitando a penetração dos medicamentos tópicos. A utilização da torquês também foi importante para o ajuste do tamanho do casco, contribuindo para a melhora da locomoção.

Na terapia tópica, empregou-se medicamento antisséptico à base de triclorfon, iodofórmio e rodamina, que auxiliou na cicatrização e no controle da proliferação da lesão. Adicionalmente, foram utilizadas ataduras de crepom e gessadas, com o objetivo de isolar a área do meio externo, prevenir contaminações e favorecer a fixação do medicamento ([Lacerda Neto et al., 2001](#)).

Foi isolada *Escherichia coli*, provavelmente como agente oportunista secundário, não sendo considerada o agente etiológico primário da DEVC ([Greco et al., 2007](#)). A escolha da amicacina mostrou-se adequada, uma vez que esse aminoglicosídeo apresenta amplo espectro e eficácia no controle de infecções bacterianas ([Carvalho et al., 2021](#)). Associadamente, o acetono de triancinolona contribuiu para a redução do processo inflamatório ([Lacerda Neto et al., 2001](#)).

Durante todo o tratamento, enfatizou-se a assepsia do ambiente como medida complementar à terapia medicamentosa. Ao final, foi utilizada solução de formol diluída em água para promover o endurecimento do casco, prática descrita na literatura podal e associada à capacidade do formaldeído de promover reticulação das proteínas da queratina, aumentando a rigidez do tecido córneo ([Reeves, 1994](#)); contudo, seu uso deve ser criterioso, devido ao potencial irritante e citotóxico do formaldeído sobre os tecidos ([IARC, 2012](#); [Lopez & Yang 2021](#)).

O tratamento da dermovilite deve ser iniciado precocemente após o diagnóstico, a fim de aumentar sua eficácia e evitar complicações mais graves, como comprometimento do tendão flexor digital profundo e da falange distal ([Lacerda Neto et al., 2001](#)). A abordagem terapêutica pode envolver tanto a remoção do tecido lesionado quanto o uso de medicamentos tópicos e sistêmicos ([Azzolini et al., 2019](#)).

Conclusão

De modo geral, o tratamento teve duração de 35 dias, apresentando resultados satisfatórios. A paciente respondeu positivamente às intervenções, com redução da hiperplasia e da sensibilidade nos cascos, resultando no controle da DEVC. Esses achados reforçam a importância do diagnóstico precoce e da abordagem terapêutica integrada, incluindo manejo adequado dos cascos e controle ambiental, para o sucesso no tratamento da enfermidade.

Referências

- Alves Júnior, C. D. B. (2021). Causas e prevenção de doenças que afetam o casco de equinos - Dermovilite exsudativa (cancro de rasilha) e broca de casco. *Informativo Equestre*, 6(1). <https://doi.org/10.37931/infoeq.v6n1-007>.
- Assis, M. A., Afva, T. O., Silva, M. B., Souza, J. E., Pinto, J. O., Simonato, S. P., & Souza, M. V. (2015). Avaliação do equilíbrio dos cascos de equinos atendidos no hospital veterinário. *Revista Brasileira de Medicina Equina*, 10(59).
- Azzolini, E. F. O. T., Bastos, S. F., & Barros, R. M. (2019). Chronic equine proliferative pododermatitis: Case report. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, 56(4), 1–4. <https://doi.org/10.11606/issn.1678-4456.bjvras.2019.160249>.

- Braga, V. A. Á., Santana, R. C., & Vaz, B. B. U. (2021). Dermovilite exsudativa vegetante crônica em equino: Relato de caso. *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*, 19(1). <https://doi.org/10.36440/recmvz.v20i1.38197>.
- Carvalho, A. C., Lima, M. K. F., Caldas Júnior, N. M., Cavalcanti, B. O., & Escodro, P. B. (2021). Dermovilite exsudativa vegetante crônica em equino: Relato de caso. *Revista Brasileira de Medicina Veterinária Equina*, 1(95). <https://doi.org/10.29327/236004.1.95-1>.
- Dália Neto, L. (2014). *Principais afecções do pé equino: ocorrências registradas no Hospital Veterinário – CSTR/UFCG, Patos - PB, no período de 2000-2013*. Universidade Federal de Campina Grande.
- Friezol Casco Forte. *Antisséptico*. Jundiaí: Laboratório Pinus, 2024. Bula de medicamento
- Greco, M., Pasolini, M. P., Castelijns, H., Labriola, S., & Potena, A. (2007). Un grave caso di osteomielite della seconda e terza falange con estesa perdita di sostanza in una puledra complicato da pododermatite cronica ipertrofica. Follow-up a 36 mesi. *Ippologia*, 18(1), 9.
- International Agency for Research on Cancer (IARC). (2012). *Formaldehyde*. In *IARC Monographs on the Evaluation of Carcinogenic Risks to Humans (Vol. 100F)*. Lyon: IARC. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-384878-5.00012-4>
- Lacerda Neto, J. C., Martins Filho, L. P., Alessi, A. C., Ferraz, G. C., Marques, J. A., & Valadão, C. A. A. (2001). Observações clínicas, anatomopatológicas e tratamento de seis casos de dermovilite exsudativa vegetante crônica (cancro da ranilha) de eqüinos. *Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia*, 53(3). <https://doi.org/10.1590/s0102-09352001000300006>.
- Lopez, M. J. & Yang, Q. (2021). The equine hoof: Laminitis, progenitor (stem) cells, and therapy development. *Toxicologic Pathology*, 49(7), 1294–1307. <https://doi.org/10.1177/01926233211009770>.
- Reeves, C. (1994). Equine hoof hardener. *Veterinary Record*, 135(17), 415–416. <https://doi.org/10.1136/vr.135.17.415>.

Histórico do artigo:**Recebido:** 18 de março de 2026**Aprovado:** 17 de abril de 2026**Licenciamento:** Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4.0), a qual permite uso irrestrito, distribuição, reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam devidamente creditados.